

Queria hoje falar da minha pátria e “a minha pátria é a língua portuguesa”ⁱ



Queria hoje falar desta língua-pátria terna e áspera que é bela e autêntica, que ama timidamente e que nasceu para que os homens pudessem ousar falar de *saudade*, esta saudade que, qual pecado original, brota de nós a partir do momento em que tomamos consciência de que falamos português. Sempre a achei uma língua estranha. Uma língua tímida no meio das grandes línguas latinas, uma espécie de espanhol bravio, raspado de eslavo, com um timbre triste, de vogais fechadas, tantas vezes maltratada, porque é confusa e difícil e às vezes imprevisível.

Queria falar desta língua que é tão portuguesa. Como qualquer português, sempre ouvi falar da intraduzibilidade da *saudade* e do “ó pá” que também entra em cada frase como se fosse um sinal de pontuação, embora só venha lembrar que estou a falar contigo. E digo-o sem qualquer tom jocoso, sem malícia alguma, mas antes pleno de amor com toda a ternura que se pode ter por uma língua. É com puro amor que digo isto, quase como o amor que tenho pelos meus amigos, porque, sendo eles imperfeitos, falar-lhes é chegar a casa. Esta língua mal-acabada, desenrascada somos nós, esta língua de casas e palavras construídas em cima umas das outras como cascata sanjoanina na ribeira do Porto. Amo profundamente esta língua que há de corrigir até a exaustão o plural do verbo haver, que há de dizer “não é *haviam*, é *havia*” sempre com a mesma ternura como uma mãe que faz a trança à filha, com um pai planta uma videira.ⁱⁱ

Eu ouço falar português e sinto um abraço que espera, ouço uma mãe que chora, cheiro o pinheiro e a serraⁱⁱⁱ, e, acima de tudo, vejo uma casa de portas escancaradas, limpa mas desarrumada, confortável mas sem luxos, risonha mas sóbria, e sonhadora e triste. Eu ouço falar português e esta língua enche-me os sentidos e toca o fundo da alma. É uma língua que não chama a atenção, não salta do meio da multidão, mas que se vai deixando conhecer, que não beija apaixonadamente, mas que abraça e que segura.

Eu ouço esta língua feita de um amor tão sóbrio e autêntico, tão sonhador e triste, que só de amor não se trata. Eu ouço esta língua e sinto que foi criada imperfeita e inacabada, como se falasse constantemente num terraço sobre outra coisa ainda... e essa coisa é que é linda.^{iv} Esta língua incompleta que parece cantar como Amália ao dizer “não me fales só de amor, fala-me também de fado”.

Esta língua (e perdoe-me o Poeta eu não saber se é tão ditosa assim) que é a pátria minha amada.^v

Miguel Pimenta

Pisa, 5 de maio de 2021

ⁱ Fernando Pessoa

ⁱⁱ Miguel Torga

ⁱⁱⁱ Pedro Abrunhosa

^{iv} Fernando Pessoa

^v Luís Vaz de Camões